

RICHARD, Nelly. *Intervenções Críticas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 206 p.

**Resenhado por:** Maria Luiza Bonorino Machado

O livro de Nelly Richard “Intervenções Críticas” dá o testemunho do que aconteceu no Chile pós-Pinochet em termos de resistência e reconstrução de novos sentidos para a sociedade através de duas vias: a via da memória e a via da arte. O primeiro capítulo, “Margens e Instituições”, fala do movimento de obras de arte no Chile a partir de 1973, uma produção não-incorporada ao campo oficial e agrupada sob a marca *escena de avanzada*. Esse grupo foi responsável pela reformulação das mecânicas de produção artística a partir de recursos variados como o deslocamento de técnicas, o apagamento dos gêneros, adaptação da arte para o corpo vivo (performance) e para a cidade. As características desse grupo foram, sobretudo, levantar questões sobre o limite da arte e suas condições dentro de um regime repressor. Surgido em meio a uma sociedade na qual o sentido foi desarticulado, não apenas pelo fracasso de um projeto histórico, mas pela completa perda do sistema de referências sociais e culturais o que vai distinguir o *escena de avanzada*, é seu objetivo desestruturar a divisão de gêneros e disciplinas, a vontade de transgredir limites de técnicas e suportes numa tentativa de romper com a tradição. Através do uso do corpo e da cidade, a arte reconquista sua liberdade, ao mesmo tempo em que trabalha com figuras híbridas como a citação, a montagem e a colagem, solapando a miséria e o terror do regime chileno através da invenção e da paródia, recursos utilizados para burlar a censura. Neste capítulo, são analisados os mecanismos para escapar da censura através da abertura de sentidos de leitura. O texto ainda se detém sobre o papel de *escena de avanzada* no contexto cultural chileno.

Em seu segundo capítulo, Nelly Richard fala dos dois campos discursivos que surgem com a ditadura militar: o pólo vitimador e o pólo vitimado. O fato de polarizarem-se, durante o período militar, acabou por delinear a imagem de cada um deles como

algo uniforme e coerente e não portadores de inúmeras irregularidades e contradições como de fato o eram. Isso acabou por ocasionar um reducionismo na visão, determinando um jogo de antagonismos definitivos. O poder apresentava-se como base, em sua articulação da ordem, como um princípio classificatório de discursos e identidades, desempenhando um papel de guardião de valores inalteráveis, no qual ordem significaria pureza e o outro seria aquele que é banido de forma a garantir a homogeneidade e a transparência. O capítulo mostra o panorama da articulação da esquerda tradicional e da nova esquerda e relata suas respectivas relações com a cultura.

Dentro deste panorama, surgirá *escena de avanzada* reunindo vozes de críticos literários e filósofos em torno de rupturas de linguagens com ênfase desconstrutiva e paródica, que iria chocar-se com o tom emotivo-referencial da cultura militante. Ainda hoje, o surgimento de *escena de avanzada* permanece como um episódio digressivo e incidental, sem vinculação com o antes e o depois da ditadura. Sua desconexão é tal que dificulta a incorporação ao resgate histórico do período. Não servindo aos interesses de esquerda, *escena de avanzada* assume o discurso da margem, uma aventura estética pelo limites do sentido e da identidade. A paixão do grupo pela desmontagem do sentido o fez ultrapassar a crítica do poder à crítica das representações de poder.

A segunda parte do livro tem como título “Rupturas da Memória”. Essa desempenhou um papel importante no Chile deste período pela sua tensão não-resolvida entre lembrança e esquecimento. Isso se deu pela violação dos direitos humanos que acabou colocando em destaque a busca pelos corpos dos desaparecidos. Para a autora, a “falta de sepultura é a imagem – descoberta do luto histórico que não termina de assimilar o sentido da perda”. É também uma temporalidade inconclusa que pode ser explorada em diversas direções. O capítulo analisa o papel da memória no Chile pós-golpe. Para recomençar a tecer os fios rompidos, a memória foi dramatizada pela arte e pela cultura, através de uma meia-linguagem feita de pistas, destroços, fragmentos e traços. O texto se detém na importância dos escritos de Walter Benjamin, no Chile dos anos 80, em relação às memórias de determinadas práticas culturais, à margem do recinto

Maria Luiza Bonorino Machado é doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

acadêmico. O golpe militar representou uma ruptura na história entre passado e tradição. Muitas práticas culturais procuraram refazer-se dessa ruptura e essa foi uma das respostas à crise do Chile. Surgiu, também, um pensamento satírico e auto-reflexivo. Os discursos polarizados, da ditadura de um lado e da esquerda oficial de outro, criaram uma outra via como opção. André Valdés assinala que determinadas obras “estavam feitas para não serem assimiladas por nenhum sistema oficial”. Para Nelly Richard, “a ruptura nasceu do desafio de nomear frações da experiência que não eram verbalizáveis no idioma que sobreviveu à catástrofe do sentido”. Foram lançadas obras que comprovaram a tese de Walter Benjamin de que “a continuidade da história é a dos opressores”, enquanto “a história dos oprimidos é uma descontinuidade”. Essas obras, utilizando a memória, confrontam acontecimentos e narrativas e colocam a nu o fato de haver armadilhas nas racionalizações baseadas em verdades completas e em razões absolutas.

O capítulo seguinte trata da “democracia dos acordos”, como foi chamado o pacto nacional formulado pelo governo de transição, e assinala a passagem da política do antagonismo para a política como transação. O consenso é que estabelece a normalidade e essa descarta a memória anterior repleta de desacordos. O passado julgado inconveniente assim como sua memória histórica foi eliminado. Para Tomás Moulian “o consenso é a etapa superior do esquecimento”. As marcas da violência foram atenuadas pelos discursos dos administradores oficiais. A memória, que emerge, é por assim dizer “pasteurizada”, esvaziada de sua carga emotiva ou dolorosa. O pensamento pós-ditadura é um pensamento de luto, inconcluso como os corpos insepultos e desaparecidos. O pensamento tende a buscar os fios da memória para continuar sua trama no sentido de refazer sua identidade. O dilema entre o recordar e o esquecer permeia todo o período pós-ditatorial produzindo narrativas que se repartem entre o emudecimento e a superexcitação. O capítulo retrata a função da memória nesse período, que foi a de rastrear vestígios do passado para depois assimilá-los, ou seja, tornar a inseri-los nas narrativas presentes. Essa memória do passado vai aparecer de forma mais nítida nas narrativas de familiares de desaparecidos, que buscam manter nítida a imagem na falta de sepultamento do corpo. Essa vontade de

rememoração choca-se com a passividade do corpo social na qual a indiferença é a tônica dominante.

O capítulo seguinte tem como título “Impressões Reescritas” e trata do sistema de transição. O Governo chileno de transição assumiu em 1990, depois de dezessete anos de ditadura militar. Foi moderado em suas posições. Instaurou-se no país uma espécie de “democracia vigiada” que garantia a normalidade. O elemento que voltou a trazer um certo desequilíbrio foi a prisão de Pinochet, em Londres, em 1998. Esse incidente pôs em circulação diversas vozes que quebravam a normalidade estabelecida, fazendo aparecer discursos não-integrados às codificações oficiais. A prisão do ex-ditador fez surgir na mídia uma série de imagens pertencentes à memória histórica amordaçada. Os anos do governo de transição contavam com um presente de caráter estacionário, que reprimia o passado e o compensava com um excesso de notícias e imagens velozes de televisão, que não chegavam a processar qualquer tipo de inscrição na memória histórica devido a sua excessiva superficialidade. O incidente Pinochet foi a única coisa capaz de desestruturar o consenso estabelecido no país. O capítulo se detém na análise do trabalho da memória voluntária e involuntária, reflexiva ou sedimentada e destaca ainda o papel da mulher em tempos de crise e como ela acaba sendo manipulada e/ou conivente com os regimes autoritários.

Em seu capítulo “As marcas do destroço e sua recombinação plural”, Nelly Richard trata da questão da perda da representação causada pela ditadura com o estilhaçamento da identidade. Assinala que o pensamento pós-ditadura é um pensamento que apresenta as figuras do trauma associadas ao golpe, do luto como perda do objeto e da melancolia como suspensão irresolvida do luto. Essas figuras, extraídas da obra de Freud, marcam a tensão entre a perda do saber e o saber da perda. Quando o sujeito não processa o luto, de forma natural, acaba por ter bloqueios psíquicos e se tornando melancólico-depressivo. Isso ocorre pela falta de expressão dos afetos, pela não-palavra. Para Kristeva, sair do luto “implica colocar em funcionamento mecanismos de *substituição*, graças aos quais o que é perdido é substituído pela representação da perda”. Esse processo se daria pela criação artística e literária. O pensamento crítico pós-ditadura teria como missão digerir esse luto, transladando seus mortos insepultos para o passado

e para o futuro, evitando assim a este luto não cons poder narrar a dor

A terceira diferença sexual realização do I Cor Latino-Americana Chile, ainda sob marco, pois rep reconquista da pa pela autoridade l literatura feita por do surgimento de analisa a importân processo de con mulheres. A que masculina é analis levando em conta o questão discutida discurso, que refo feminino e do latin apresentam-se co Procurando fugir biológicas, o texto leve em conta a que pois estes dão fo capítulos finais des feminismo e da política e poética dispersão do signifi

A última pa da crítica acadêmica de mercado e crítica latino-americano. capítulo, um resu *Metáforas*. O livro e conflitos da trans abarcariam certos fragmentados, forn detalhes de formas objetivo de questi partir daquilo que laterais e descentra

Quanto aos que se coloca tem dirigidas ao transdisciplinarida disciplinas tradicionais questões suscitadas acadêmico que, den

assividade do corpo  
fônica dominante.  
tem como título  
ata do sistema de  
e transição assumiu  
e anos de ditadura  
posições. Instaurou-  
democracia vigiada”  
elemento que voltou  
foi a prisão de  
. Esse incidente pôs  
que quebravam a  
fazendo aparecer  
codificações oficiais.  
r na mídia uma série  
memória histórica  
verno de transição  
caráter estacionário,  
compensava com um  
velozes de televisão,  
ar qualquer tipo de  
rica devido a sua  
cidente Pinochet foi  
truturar o consenso  
o se detém na análise  
tária e involuntária,  
taca ainda o papel da  
omo ela acaba sendo  
e com os regimes

marcas do destroço e  
lly Richard trata da  
ntação causada pela  
ento da identidade.  
pós-ditadura é um  
s figuras do trauma  
omo perda do objeto  
o irresolvida do luto.  
a de Freud, marcam a  
e o saber da perda.  
sa o luto, de forma  
eios psíquicos e se  
ivo. Isso ocorre pela  
ela não-palavra. Para  
mplica colocar em  
e substituição, graças  
é substituído pela  
se processo se daria  
O pensamento crítico  
são digerir esse luto,  
pultos para o passado

e para o futuro, de forma que fosse assimilado, evitando assim a repetição doentia, que ocasiona este luto não consumado. Essa consumação seria o poder narrar a dor da perda do passado.

A terceira parte do livro é dedicada à diferença sexual, gênero e crítica feminista. A realização do I Congresso Internacional de Literatura Latino-Americana, realizado em agosto de 1987, no Chile, ainda sob a ditadura, transformou-se num marco, pois representou ao mesmo tempo a reconquista da palavra confiscada pela ditadura e pela autoridade literária no que diz respeito à literatura feita por mulheres. O texto trata, também, do surgimento de escritoras e poetisas chilenas e analisa a importância do conjunto de suas obras no processo de conscientização da situação das mulheres. A questão da identidade feminina e masculina é analisada com extrema sensibilidade, levando em conta o contexto latino-americano. Outra questão discutida é a oposição entre experiência e discurso, que reforça a codificação daquele outro feminino e do latino-americano. Homem e mulher apresentam-se como construções discursivas. Procurando fugir das tradicionais determinantes biológicas, o texto propõe que a crítica feminista leve em conta a questão da linguagem e do discurso, pois estes dão forma à ideologia cultural. Os capítulos finais desta parte destacam da questão do feminismo e da desconstrução, significado da política e poética do sujeito pela organização e dispersão do significado da identidade.

A última parte se debruça sobre a questão da crítica acadêmica e do debate intelectual, saberes de mercado e crítica da cultura dentro do contexto latino-americano. Nelly Richard apresenta, nesse capítulo, um resumo de seu livro *Residuos y Metáforas*. O livro analisa certas regiões de tensões e conflitos da transição democrática chilena. Elas abarcariam certos discursos postos à margem, fragmentados, formações socioculturais instáveis, detalhes de formas e estilos, ambigüidades com o objetivo de questionar hierarquias discursivas a partir daquilo que a autora designa de “posições laterais e descentramentos híbridos”.

Quanto aos debates acadêmicos, a questão que se coloca tem a ver com perguntas, que são dirigidas ao discurso crítico pela transdisciplinaridade. Essa coloca em crise as disciplinas tradicionais. O texto dá conta ainda das questões suscitadas pelo neoliberalismo no mercado acadêmico que, demandando cada vez mais saberes

operacionais, acaba por ser impulsionado diretamente pela Globalização.

A seguir, a autora explicita o termo “crítica cultural” dentro do contexto chileno da ditadura e discorre sobre suas conseqüências para a cultura. Fala, também, sobre a desautomatização do discurso cristalizado durante o período militar. À crítica da cultura foi dada a tarefa de recuperar o uso da palavra durante o processo de transição para a democracia. Rompendo com a temporalidade irresolvida da memória em suspense, essa crítica soube enfrentar a transição. O texto arrola ainda aspectos deste trabalho da crítica, como a averiguação de constelações de linguagens de ordem artística e literária. Com sua linguagem extremamente acessível, mesmo ao tratar de problemas complexos, *Intervenções Críticas* é um livro que é lido com prazer.